

**...há tempo para parar...!**

## Tempo de Férias

Saudamos todos os paroquianos e leitores, os que vêm passar férias e os que vão de férias. Desejamos a todos um tempo de repouso e de reencontro. Despedimo-nos, suspendendo a folha “Ao Domingo”, até ao primeiro domingo de Setembro.

Os espaços paroquiais continuam a acolher a todos. Uma sugestão: que cada um pense e escolha, durante o Verão, na actividade em que se poderá ocupar na paróquia no próximo ano pastoral: grupo coral, leitor, acólito, catequista, voluntariado ... integrar algum movimento...?

### S.Salvador

No convívio paroquial do próximo dia 12 de Julho, em Santa Maria de Vagos, acontecerá o encerramento do ano pastoral. Entramos num ritmo diferente até finais de Agosto. Durante o mês de Agosto, Vildemoinhos (às 18.30h) e Paradinha (19.30) terão a eucaristia vespertina. A Eucaristia na Igreja Paroquial será como habitualmente às 10.15h de domingo.

### Viso

No mês de Agosto, não haverá Eucaristia às 18.30h de Domingo, mantendo-se a missa vespertina às 18.30 (sábado), a das 9.00h no Convento, 10.00 do Seminário e às 11.30h a paroquial.

### Actividade de Verão para crianças, jovens e adultos

Convidamos todos para a “Mariápolis ‘09” que vai realizar-se em Fátima, de 01 a 05 de Agosto, com o lema “Um espaço de fraternidade, uma cidade para todos”. Informações e inscrições nas paróquias ou através de 962351616 e <http://focolares.org.pt/mariapolis-2009>.

### Encontro de Palavra de Vida

Será, hoje, dia 05 de Julho, às 16.30h, no Seminário das Missões. Encontro aberto a todos.

# Ao Domingo...

XIV Domingo B n. 79 05.07.09 Email: folhaodomingo@gmail.com

Folha Dominical do Vicariato de Nossa Senhora do Viso, Convento de Santa Beatriz,  
Seminário das Missões e Paróquia de São Salvador.

[www.senhoradoviso.net](http://www.senhoradoviso.net)

## Saborear o tempo das férias

Na escola, na família, na sociedade preparam-nos para o trabalho, mas não nos preparam para o ócio nem nos ensinam a saber “saborear tempo”. Passamos a vida a correr contra o tempo, a lamentarmo-nos que “não temos tempo”, quando afinal o tempo só nos foge porque nós corremos contra ele. Tornamo-nos escravos do relógio e cada vez sabemos menos “a quantas andamos”. Como é difícil valorizar o tempo presente que Deus nos dá, vivendo o ritmo quotidiano da vida. Os mais velhos continuam a sonhar com o passado “que seria muito melhor” (*no meu tempo é que era bom!*), enquanto os mais jovens vivem obcecados com o futuro. Vamos assim contando os dias e os anos sem vivermos cada momento e cada dia.

O tempo de férias constitui uma ocasião propícia para acertarmos a vida pelo relógio do tempo natural, pelo ritmo das criaturas. Longe de ser um tempo para “passar” ou mal gasto, as férias deveriam ser o tempo bem empregue: no qual conseguimos uma agenda para nós e para os outros e para Deus; onde redescobrirmos que o dinheiro não é tudo, que as melhores coisas da vida não se compram, pois são grátis, são graça. Longe de ser um tempo de evasão, as férias deverão ser tempo de encontro, de reflexão, de avaliação; uma ocasião para passarmos do *tempo do fazer* (ter que fazer), para o *tempo do viver*, o tempo de experiência da autenticidade e da criatividade.

Dizia a raposa ao Príncipezinho: “foi o tempo que perdeste com a tua rosa que fez a tua rosa tão importante”. Porque esta continua a ser uma verdade esquecida, é importante que haja quem saiba e ensine a “saborear tempo” com o mais importante, o que vale a pena. E o mais importante continua a ser “criar laços” e “deixar-se cativar”.

**XIV Domingo Comum B**

**Ez 2,2-5 / 2Cor 12,7-10 / Mc 6,1-6**

**De boa vontade me gloriarei das minhas fraquezas (2 Cor 12,9)**

Paulo, o apóstolo das gentes, tinha feito uma experiência profunda da graça de Cristo. E tinha compreendido uma grande verdade: gloriar-se da própria força é um acto de loucura; mas **gloriar-se no Senhor**, na sua obra **é um acto de sabedoria**.

Certamente Paulo, também do ponto de vista humano, tinha mil motivos para se gloriar: as “visões” que teve, as “revelações” que escutou, os “êxtases” que o tinham feito mergulhar no mistério de Deus podiam ser bons motivos de glória. São tão importantes as revelações que Deus lhe fez na sua vida, que o próprio Senhor quer que o apóstolo não ocupe o centro; por isso o fere na carne: “foi-me deixado um espinho na carne”, uma expressão visível e evidente de debilidade. A partir deste espinho Deus serve-se para mostrar a sua força, a sua graça: “basta-te a minha graça; a força de facto manifesta-se plenamente na debilidade”. Por isso Paulo pode dizer: “de boa vontade me gloriarei das minhas fraquezas”. Qualquer fragilidade para o apóstolo é espaço para a intervenção de Deus, quer a debilidade, os insultos, as necessidades, as perseguições, as angústias: **em tudo o que é débil, Paulo descobre a fortaleza**.

Quantas vezes também nós experimentámos que é verdadeiro o que viveu Paulo! Se contamos com as nossas capacidades, com as nossas forças, com os nossos meios, apoiamo-nos sobre aquilo que é limitado. Se deixamos espaço, se confiamos em Deus então a sua acção, a sua força, a sua graça podem agir e permitem-nos experimentar a **paternidade de Deus, que nunca nos abandona** e está sempre junto a nós com doçura. Agrada-me pensar que, como filhos de Deus, somos chamados por um lado a deixar que seja Deus a fazer tudo, por outro agir como se tudo dependesse de nós.

**Escola Bíblica Familiar (EBF)**



**Eclesiastes ou Qohélet (Ecl): viver o presente**

O livro começa com a expressão «Palavras de Qohélet, filho de David, rei de Jerusalém», geralmente considerada como título da obra. O texto grego traduziu o termo hebraico “Qohélet” por “Eclesiastes”, que se transferiu para o latim e, depois, para as outras línguas. Daí o título do livro aparecer como Eclesiastes, por influência grega e latina, ou como Qohélet, que é a tendência das traduções modernas, transliterando o hebraico.

Em forma tipicamente sapiencial de reflexão, de confissão, de máximas e de considerações várias de cariz autobiográfico, o autor chama a atenção para a finalidade da existência humana. Este não é pessimista, nem optimista, nem oportunista; mas sim realista, lúcido, inconformista e franco, atento ao próprio ritmo da vida e consciente da radical insuficiência do homem, face à realidade da morte, para resolver o mistério da existência.

No entanto, Eclesiastes é um homem de fé. Perante situações absolutamente incompreensíveis para a razão humana, acaba reconhecendo que a Deus não se pode pedir contas (7,13); que o homem deve aceitar na vida tanto as provações como as alegrias (7,14) e que é preciso observar os mandamentos e temer a Deus.

Na linha do livro de Job, Eclesiastes põe em causa as certezas da sabedoria tradicional, mas ainda não tem soluções para as substituir. É uma obra de transição, situando-se na encruzilhada do pensamento hebraico; e cria expectativa para uma nova luz que, sendo dom de Deus, ilumina todo o homem que vem a este mundo (Jo 1,9). Representa ainda uma etapa do progresso religioso que, superando as concepções antigas, prepara os espíritos para uma revelação mais perfeita.